

## 2. O espaço: delimitação e justificação da área de estudo

*“A fascinação que a serra d’Ossa exerceu sobre a minha infância! Aquela enorme, escura massa montanhosa era um mistério que atraía as curiosidades que em mim acordavam. (...)*

*Apesar da modéstia dos seus 600 m de altitude, dá-nos ela o prazer de varar horizontes que são dos mais vastos de Portugal. O peneplano do Alentejo desdobra-se, visto do alto, por Estremadura e Beira fora. Para Oeste, o raio visual é interceptado pelo castelo de Palmela e pelas pregas que para aquelas bandas debruam a imensa tela de carvão. Para o Norte dilata-se o olhar para além do sulco do Tejo e vai esbarrar nas serranias beiroas que se encapelam, cada vez mais alterosas, até atingir a cumeada dos Hermínios. Para o Sudoeste a serra de Portel, relativamente perto, e por entre e ao lado dela e da de Monfurado, espraia-se, até perder de vista, o negrume esparso vasto do montado. ”*

Cidade, 1959, p. 38, 39

Na delimitação da área de estudo que constitui o foco deste trabalho, procurei tomar em consideração, como pontos de partida, os dois elementos fundamentais da paisagem regional, realidades geográficas permanentes e, em vários aspectos, permanentemente estruturantes — a serra d’Ossa e o Rio Guadiana.

Com o intuito de demarcar uma área justificada por critérios geográficos inequívocos, delimitei-a, numa primeira fase, pelo sopé da serra d’Ossa. Porém, considerando o frequente desacordo entre “regiões geográficas bem definidas”, como são, por exemplo, as montanhas, e “regiões históricas”, uma vez que “as terras montanhosas são pobres de recursos, de vida dura,” e “necessitam do complemento das baixas adjacentes” (Ribeiro, 1987a, p. 64, 65), acabei por optar pela inclusão de uma área envolvente, mais ou menos arbitrária, que integra os territórios imediatamente contíguos à serra.

Os limites dessa área foram definidos geometricamente em função de uma linha WNW-ESE traçada pelos pontos mais altos da serra (Evoramonte e S. Gens) e que segue, “grosso modo”, a orientação geral desta. Resultou, assim, um rectângulo cujos lados maiores são paralelos e equidistantes em relação à linha teórica de cumeada e em que a ESE estabeleci como limite o rio Guadiana que, desse modo, corresponde a um dos lados menores do rectângulo, enquanto a WNW atribuí uma distância equivalente, tomando como ponto central o vértice geodésico OSSA.

Concentrei-me, portanto, num território com cerca de 70 km de comprimento por 30 km de largura, que tem como ponto central, no cruzamento das diagonais, a cota mais elevada de toda a região e que abrange uma superfície de cerca de 2000 km<sup>2</sup>.

Na determinação daqueles limites, e uma vez que este trabalho pretende cingir-se, quase exclusivamente, a sociedades de tipo sedentário, com economias de base predominantemente agro-pastoril — o Neolítico e o Calcolítico — integrei, considerando as distâncias isocrónicas de 1 hora (Davidson e Bailey, 1984, p. 30; Roper, 1979, p. 123), as áreas teóricas de captação de recursos dos eventuais sítios em contacto directo com o sopé da serra d’Ossa.

O alongamento da área de estudo para ESE, até ao Guadiana, ultrapassando largamente a faixa de 10 km em redor da serra, procura traduzir o duplo reconhecimento do rio enquanto via fluvial de primeira grandeza e enquanto fronteira física, tanto mais que a rede de caminhos naturais, adaptada à “trama estrutural da região” (Biro, s. d., p. 122), facilita naturalmente o contacto entre a serra d’Ossa e o antigo Rio Anas (Estampa 105, b).

Deste modo, a área que seleccionei, embora demarcada primariamente em torno da serra d’Ossa, engloba, intencionalmente, um tramo razoavelmente coerente da bacia do Guadiana, que se traduz numa faixa transversal, na margem direita deste rio.

A sul, define-se, paralelamente, o “corredor” megalítico Évora-Reguengos de Monsaraz, fechado, por sua vez, a Sul, pela serra de Portel.

A norte da região da Serra d’Ossa, estende-se a peneplanície de Elvas-Monforte-Fronteira, que também conta com forte expressão megalítica e aparece enquadrada, a Norte, pela região da serra de S. Mamede.

O conceito de região, tal como se aplica neste trabalho, suscita, naturalmente, algumas reservas. De facto, a área seleccionada apresenta-se com uma grande diversidade paisagística e integra unidades mais ou menos homogéneas que se prolongam para fora dela. Importa, pois, assumir com clareza o carácter de algum modo subjectivo, dos limites do território abrangido.

Segundo Carole Crumley, “uma região é uma classificação arbitrária de uma área cujos limites são definidos pelo investigador com o fim de estudar fenómenos dentro das suas fronteiras” (Crumley, 1979, p. 143), portanto sem qualquer vínculo necessário a qualquer tipo de identidade geográfica; este ponto de vista, demasiado subjectivista, foi corroborado por Ian Hodder para quem, além disso, “a escala relevante variará dependendo dos atributos seleccionados” (Hodder, 1986, p. 131).

Pelo contrário, Orlando Ribeiro, apontando alguns problemas relativos ao uso corrente do conceito de “região” e reconhecendo as dificuldades práticas da própria delimitação de regiões naturais, propõe, em todo o caso, que estas sejam definidas “não apenas como artifícios de trabalho, mas pela evidência das características que as distinguem” (Ribeiro, 1987a, p. 45).

Neste caso concreto, reuni, sob a designação de região da serra d’Ossa, um conjunto de paisagens relativamente diversas em termos topográficos, hidrográficos, geológicos, etc., cujo traço de união é sobretudo a sua relação de proximidade com a serra; essa relação é acentuada pela transitabilidade natural e pela conexão visual, aspectos em que a Ossa desempenha inegavelmente um papel integrador.

